



O ACONTECER DA LIBERDADE: TRANSCENDÊNCIA E ÉXTASE DO DASEIN HEIDEGGERIANO

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2025.213.02>

Fernando Rodrigues

Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/Albert-Ludwigs-Universität Freiburg
fernando.rodrigues@ifsp.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-0427-7704>

RESUMO:

Este artigo propõe uma apresentação da liberdade em Martin Heidegger a partir das preleções ministradas entre 1927 e 1930, especialmente *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz* (GA 26). O objetivo é pensar a liberdade não como autodeterminação ou fundamento da ação moral, mas como êxtase ontológico e acontecimento originário: um campo de transcendência, jogo e desvelamento. A liberdade se revela como o que possibilita o mundo enquanto mundo, não sendo um princípio causal, mas o próprio “fundamento infundado” (*Abgrund*) do aparecer do ente. O artigo percorre cinco momentos: (1) a liberdade como origem do vínculo e a metontologia; (2) o deslocamento da liberdade para além da causalidade, como estrutura de transcendência; (3) a liberdade como acontecer da verdade e condição do mundo; (4) a hermenêutica do jogo da vida como destino do *Dasein*; e (5) a tensão entre fundamento e infundado como abismo da liberdade. Com isso, pretende-se evidenciar que a liberdade, para Heidegger, não é atributo de um sujeito, mas o nome do próprio acontecer do *Dasein*.

PALAVRAS-CHAVE:

Heidegger. Liberdade. Metafísica do *Dasein*. Êxtase. Acontecimento.

THE HAPPENING OF FREEDOM: TRANSCENDENCE AND ECSTASY OF THE HEIDEGGERIAN
DASEIN

ABSTRACT:

This article offers a presentation of Martin Heidegger's concept of freedom, drawing on his lectures from 1927 to 1930, especially *Metaphysical Foundations of Logic Based on Leibniz* (GA 26). Rather than treating freedom as self-determination or a foundation for moral action, the study explores it as ontological ekstasis and original happening: a field of transcendence, play, and disclosure. Freedom is presented as that which makes the world appear as world, not a causal principle, but the very "groundless ground" (*Abgrund*) of the unveiling of beings. The argument unfolds in five stages: (1) freedom as the origin of relationality and metontology; (2) the shift beyond causality, as a structure of transcendence; (3) freedom as the happening of truth and the condition for worldhood; (4) the hermeneutics of the game of life as the *Dasein*'s destiny; and (5) the tension between ground and groundlessness as the abyss of freedom. Ultimately, the article claims that freedom, in Heidegger, is not a subject's property, but the very name of *Dasein*'s happening.

KEYWORDS:

Heidegger. Freedom. Metaphysics of *Dasein*. Ekstasis. Event.

Introdução

A obra de Martin Heidegger atravessa diversas fases, mas é no período imediatamente posterior à publicação de *Sein und Zeit* (1927) — especialmente entre 1927 e 1930 — que se delineia um dos momentos mais originais e menos explorados de sua trajetória: o momento em que a ontologia fundamental cede lugar a uma *metafísica do Dasein* (cf. Jaran, 2010; 2010b). Nesse intervalo, Heidegger não apenas radicaliza os conceitos centrais de sua analítica existencial, como também propõe uma transformação decisiva na forma de se pensar a liberdade, a verdade e o mundo. É nesse contexto que se inscreve a presente investigação, que busca apresentar a liberdade como acontecimento originário — um *acontecer da liberdade* — especialmente a partir da preleção de Marburgo *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz* (Heidegger, 1978; GA 26).

A tese que orienta este artigo é a de que a liberdade, para Heidegger, não deve ser compreendida nem como autodeterminação da vontade, nem como escolha subjetiva entre alternativas, mas como *acontecência, extase e jogo originário*. A liberdade é aquilo que inaugura o vínculo do *Dasein* com o ente em sua totalidade, instaurando o campo onde a verdade pode acontecer e o mundo pode emergir. Nessa perspectiva, o *Dasein* não é simplesmente o agente da liberdade, mas aquele que é *lançado* no jogo da existência, cuja estrutura se revela como uma tensão permanente entre projeto e faticidade, entre transcendência e resistência.

Esse deslocamento exige o abandono da linguagem causal e voluntarista em favor de uma compreensão aleteiológica e hermenêutica da liberdade. Em vez de tratar da liberdade como princípio arqueológico-etiológico de ação, trata-se de pensá-la como estrutura aleteiológica de desvelamento, como

a clareira que permite ao ente surgir em sua alteridade (cf. Vigo, 2008). Tal reconceituação implica uma crítica à tradição moderna e mesmo clássica da liberdade, que buscava situá-la como propriedade de um sujeito ou como fundamento lógico da moralidade. Em Heidegger, ao contrário, a liberdade é o *fundamento infundado* (ou “*fundamento abissal*”; *Abgrund*) da transcendência — não um princípio, mas um *jogo originário* que configura a própria condição de possibilidade da existência humana.

O presente estudo está dividido em cinco seções. Na primeira, abordamos a metontologia como transformação da ontologia fundamental, mostrando como Heidegger desloca o foco da estrutura formal da compreensão de ser para o vínculo concreto do *Dasein* com o ente no todo, fundado na liberdade. A segunda seção aprofunda esse deslocamento a partir da ideia de liberdade como *êxtase* e *pressão de espalhamento*, ultrapassando os esquemas causais tradicionais. Na terceira seção, tratamos da liberdade como condição do desvelamento e do acontecer da verdade, centrando a análise na noção de mundo como contrapeso que estrutura o espaço do jogo existencial. A quarta seção propõe uma hermenêutica da liberdade a partir da imagem do *jogo da vida*, enfatizando o caráter lúdico e destinante da existência. Por fim, a quarta seção examina a tensão entre *fundamento e infundado (abismo)*, desenvolvendo a ideia de que a liberdade, como *Abgrund*, é o solo abissal sobre o qual se sustenta o mundo, sem que esse solo possa ser ele mesmo fundamentado.

Nosso ponto de partida é a convicção de que o pensamento de Heidegger sobre a liberdade nesse período constitui uma resposta radical à crise da metafísica, não por recusá-la, mas por transformá-la a partir de dentro — por meio de uma *metafísica do Dasein* que reconduz a questão do ser à experiência finita do ser humano lançado no mundo. A liberdade aparece, nesse horizonte, como a própria estrutura do acontecer ontológico, isto é, como aquilo que permite que haja mundo, verdade e história. O objetivo deste artigo, portanto, não é apenas apresentar um conceito, mas seguir a trilha aberta por Heidegger na direção de um novo modo de pensar: um pensamento que não se anora mais na busca de fundamentos últimos, mas que habita o *abismo da liberdade* como lugar onde o ser se desdobra, onde a existência se joga e onde o sentido se constitui.

1 Liberdade como origem do vínculo: a metontologia e o fundamento do comportamento

No período imediatamente posterior à publicação de *Ser e tempo* (1927), Martin Heidegger propõe uma transformação metafísica da ontologia fundamental, culminando na chamada *metafísica do Dasein*. Essa transformação tem como eixo central a ideia de que a liberdade é o fundamento último do comportamento humano, e que somente ela pode ser a origem de qualquer vínculo com o ente no todo. Isso já se expressava, por exemplo, no escrito *Sobre a essência do fundamento* (*Vom Wesen des Grundes*;

Heidegger, 1976, GA 9, p. 197): “A liberdade é a essência do *Dasein*. A liberdade é aquilo por meio do qual o *Dasein*, na medida em que é, está aberto para o ente em seu conjunto, em que se mantém em relação com o ente enquanto tal, em que se debruça sobre ele e em que lhe responde.”

Tal proposição será sistematicamente desenvolvida na preleção *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz* (Heidegger, 1978, GA 26), onde a ontologia fundamental se converte em uma investigação designada metontologia: um esforço por pensar o *Dasein* em sua concreção ôntico-ontológica, a partir de sua situação de vinculação ao ente. Referindo-se, no curso sobre Leibniz (GA 26), ao fato de que o fenômeno originário da existência humana, a compreensão de ser, está essencialmente associado e mesmo supõe, de alguma maneira, a “subsistência fática da natureza”, Heidegger diz:

Disso resulta a necessidade de uma problemática peculiar que, então, tenha o ente no todo como tema. Esse novo questionamento é latente à essência da própria ontologia e resulta de sua virada interna, de sua *metabolé*. Eu chamo de *metontologia* a essa problemática. E aqui, no âmbito do perguntar metontológico-existenciário, também está o âmbito da metafísica da existência [...] (Heidegger, 1978; GA 26, 199).

E na página seguinte, Heidegger acrescenta:

A metontologia somente é possível com base e na perspectiva da problemática ontológica radical e em uma unidade com ela. Precisamente essa radicalização da ontologia fundamental é o que dá impulso à dita transformação interna da ontologia a partir de si mesma. Isso que nós, aparentemente, separamos aqui em ‘disciplinas’ e que, com esses títulos, corremos o risco de não ver adequadamente, é uma coisa só – do mesmo modo como a diferença ontológica é um fenômeno originário ou o fenômeno originário da existência humana. Pensar o ser como o ser do ente e apreender o problema do ser de modo radical e universal significa, ao mesmo tempo, tornar tema, à luz da ontologia, o ente em sua totalidade (Heidegger, 1978; GA 26, 200).

A metontologia visa não mais apenas à estrutura formal da compreensão de ser, mas ao modo como o *Dasein*, enquanto existente finito, se encontra já referenciado, lançado e atravessado pelo ente em sua totalidade. Essa viragem não implica o abandono do projeto de *Ser e tempo*, mas sua radicalização: a temporalidade continua sendo a condição de possibilidade da compreensão de ser, mas é agora desformalizada no horizonte da liberdade como *acontecência* (*Geschehen*) de mundo. O foco desloca-se da formalização da temporalidade para a tematização da liberdade como instauração concreta de mundo e verdade. Nesse contexto, Heidegger afirma de modo categórico: “Apenas a liberdade pode ser a origem do vínculo” (Heidegger, 1978; GA 26, p. 26). Trata-se aqui de uma liberdade que precede o comportamento e a norma, uma liberdade ontológica e extática, que funda a possibilidade de qualquer legalidade, inclusive a legalidade do pensamento. A lógica, nesse novo horizonte, é compreendida não mais como ciência das formas do pensar, mas como *metafísica da verdade*, ou *lógica filosófica*, fundada no vínculo originário entre o *Dasein* e o ente no todo (cf. Heidegger, 1978; GA 26, p. 26-27). O

comportamento humano é pensado a partir de sua vincularidade essencial, e esta, por sua vez, é possível apenas enquanto fundada na liberdade. O vínculo não é, portanto, uma restrição exterior à liberdade, mas sua expressão mais originária. O *Dasein*, em sua liberdade, é aquele ente que pode ser vinculado porque é aquele que transcende. O conceito de transcendência, entendido como ultrapassamento em direção ao ente no todo, é aqui fundamental. Liberdade não é autodeterminação arbitrária, mas capacidade de sofrer o impacto do ente, de ser tocado por ele, de se deixar vincular.

A metontologia heideggeriana, ao tematizar o *ser-lançado* (*Geworfenheit*) como dimensão constitutiva da existência, revela que o *Dasein* não é pura iniciativa, mas sempre já situado, afetado, resistido. É precisamente nesse jogo entre *projetar* e *ser lançado*, entre liberdade e faticidade, que se constitui a experiência humana do mundo. A liberdade se mostra, então, como um *éthos* da abertura: um modo de ser que permite o vir-à-presença do ente enquanto ente. A partir disso, a legalidade do pensar, a normatividade do logos, é reconduzida às condições ontológicas que a possibilitam: o vínculo ao ente, fundado na liberdade. Em lugar de um sujeito autônomo que pensa sob leis universais, Heidegger propõe o *Dasein* como aquele que, sendo livre, pode estar submetido a leis porque é originariamente vinculado ao mundo. O comportamento é sempre um *comportamento-em-direção-ao-ente*, e a liberdade é a condição da possibilidade desse referir-se.

O todo a partir do qual o *Dasein* se comprehende, o mundo, não é um sistema de proposições ontológicas pairando no ar, ao contrário disso, compreender-se significa existir por mor de si mesmo e esse é, em si, um ser-exposto ao ente. O mundo entrega o *Dasein* [ao ente], expõe o *Dasein* à necessidade da confrontação com o ente que ele próprio não é, bem como consigo mesmo. O *Dasein* está entregue ao ente; e isso não porque o ente subsiste aí: estar-entregue [ao ente] é uma determinação interna do ser-no-mundo enquanto tal (Heidegger, 2001; GA 27, p. 328)

Nessa direção, a metontologia se constitui como um pensamento da liberdade como *fundamento do comportamento*. Não se trata de uma metafísica da vontade, mas de uma ontologia da transcendência. A liberdade, em seu sentido mais radical, é o que permite ao *Dasein* comportar-se em face do ente, ser afetado, resistido, implicado. E é por isso que a liberdade é o solo da verdade: ela instaura o espaço onde algo pode ser desvelado, onde um mundo pode acontecer. A metontologia é, portanto, o nome desse deslocamento: da liberdade como escolha para a liberdade como acontecência de sentido, da liberdade como indeterminação subjetiva para a liberdade como fundamento do vínculo. E é a partir dessa liberdade que o mundo se forma, que a verdade se dá e que o comportamento humano se constitui como participação no jogo da vida. Em última instância, essa concepção da liberdade como êxtase originário — que ultrapassa o *Dasein* para acolher o ente no todo — revela que o acontecer da liberdade não é algo que o *Dasein* possui, mas aquilo no qual ele é lançado e pelo qual é constituído. O fundamento do

comportamento é, por isso, um *dom* anterior: a liberdade como abertura que dá lugar à verdade e ao mundo.

2 Êxtase e transcendência: deslocamento da liberdade aquém da causalidade

Ao aprofundar a questão da liberdade a partir da transformação metontológica da ontologia fundamental, Heidegger revela um elemento decisivo: a liberdade como êxtase de transcendência: “O *Dasein* é, como tal, transcendência. Transcendência significa: ir além de si mesmo, ultrapassar-se no horizonte do mundo.” (Heidegger, 1978, GA 26, pp. 244–245)¹. Ora, diferentemente das concepções modernas que a compreendem como autodeterminação ou livre-arbítrio, a liberdade aqui não é propriedade de um sujeito, mas estrutura originária da existência como tal: “A liberdade funda a possibilidade da abertura, não é causada nem derivada: é originária.” (Heidegger, 1976, GA 9, pp. 191–192). O *Dasein* é livre não porque escolhe, mas porque é, desde sempre, projetado para além de si, lançado em meio ao ente no todo, constituído como abertura: “Transcender é existir. A existência é, portanto, o êxtase do *Dasein*.” (Heidegger, 2001; GA 27, p. 297).

Esse caráter projetivo da existência não pode ser compreendido segundo o modelo causal, pois não se trata de um efeito produzido por uma causa anterior. Pensar a liberdade em Heidegger exige romper decisivamente com a tradição metafísica que a concebe em termos de causalidade, deliberação ou escolha voluntária. A liberdade não é um ato entre outros, nem um efeito de uma disposição interna do sujeito; ela é o próprio acontecimento da abertura ontológica. Para Heidegger, a liberdade deve ser compreendida como o êxtase da transcendência originária — um “acontecer” (*Geschehen*) que não parte de um fundamento dado, mas que constitui o próprio campo de emergência do ser. Assim, a liberdade é a condição para qualquer estrutura intencional ou representacional, sendo anterior a toda posição de sujeito. Essa inflexão possibilita uma ontologia da liberdade como dispersão (*Streuung*), onde o *Dasein* se encontra lançado e responsável pela configuração de um mundo, sem recorrer a um centro causal ou voluntarista. A liberdade, enquanto êxtase, é o movimento originário da transcendência: uma ultrapassagem que não parte de um sujeito estabelecido, mas constitui a própria condição de possibilidade

¹ Krell (2015) explora a noção de “êxtase” como central à fenomenologia da existência em *Ser e Tempo*. O *Dasein* é definido por sua estrutura temporal tripla — passado (facticidade), presente (queda) e futuro (projeto) — que não se somam cronologicamente, mas se desdobram de modo **ek-stático**, isto é, como modos de ser fora de si. Krell observa que “Heidegger se refere ao ser do *Dasein* como *ek-statisch*, como um ser que é sempre fora de si mesmo, transcendentalmente entregue ao mundo e ao tempo” (p. 45). A liberdade, nesse contexto, não é exercício de vontade, mas disposição existencial para o acontecer do ser. Como tal, ela escapa à causalidade tradicional e exige uma compreensão ontológica do tempo como desdobramento de sentidos em aberto — êxtase e não sequência.

do existir humano². Heidegger descreve esse movimento como uma “pressão de espalhamento” (*Drang der Streuung*), que impulsiona o *Dasein* à configuração de um mundo, sempre em tensão com a resistência do ente. Tal como afirma Heidegger:

Somente a liberdade pode deixar um mundo viger e devir mundo para o Dasein. O mundo nunca é, o mundo *devém mundo*. Nessa interpretação da liberdade, haurida a partir da transcendência, reside, no fim, uma caracterização mais originária de sua essência perante a determinação dela enquanto espontaneidade, isto é, enquanto um tipo de causalidade. O ter-início-a-partir-de-si concede apenas a característica negativa da liberdade, o fato de que não há, na continuidade do retroceder, nenhuma causa determinante. Essa caracterização, porém, não vê que está a falar de modo indistinto a respeito de “ter-início” e de “acontecer”, sem que o ser-causa seja expressamente caracterizado a partir do modo específico de ser do ente que é *assim*, o *Dasein* (Heidegger, 1976, GA 9, p. 164; itálicos do autor)

A transcendência é, nesse sentido, o nome do acontecimento pelo qual o mundo se abre e se deixa habitar. O *Dasein* é livre porque transcende, e transcende porque é lançado. Não há aqui primado da espontaneidade subjetiva, mas um jogo entre iniciativa e impacto, entre projeto e resistência. O *Dasein* é sempre mais do que ele mesmo, porque está sempre exposto ao que o ultrapassa. A liberdade, portanto, não é posse, mas êxtase: ser fora de si em direção ao ente³. Essa ultrapassagem originária demanda um novo horizonte de inteligibilidade. As categorias tradicionais da causalidade, da substância e da vontade não dão conta da estrutura fenomenológica do êxtase. O pensamento da liberdade exige uma ontologia outra: uma ontologia do acontecimento, da abertura, da doação. É isso que Heidegger começa a esboçar nas preleções de Marburgo, quando substitui a linguagem da fundamentação lógica por uma descrição do acontecer da verdade (*aletheia*) como jogo entre liberdade e vínculo.

A liberdade, como êxtase, não é o que elimina o vínculo, mas o que o torna possível. O *Dasein* é livre porque pode estar vinculado, e vinculado porque é lançado na abertura do ser. É nesse sentido que Heidegger afirma que a liberdade é o abismo da transcendência, isto é, o solo sem fundamento, um *nihil*

² Schmidt (2013) esclarece que a liberdade, em Heidegger, não é apenas o que possibilita a abertura do ente, mas o próprio acontecer do mundo como horizonte de sentido e resistência. Nesse sentido, o mundo não é um pano de fundo neutro, mas o campo originário que se desdobra a partir da liberdade enquanto estrutura de doação e retração do ser. Ele interpreta a liberdade como a condição de possibilidade do jogo da verdade (*Spiel der Wahrheit*), sendo ela mesma uma estrutura lúdica, ou seja, uma tensão entre o que se mostra e o que se oculta. Essa concepção fundamenta uma aleteiologia dinâmica, na qual o mundo se forma como figura em jogo, e o *Dasein* é aquele que joga responsivamente com os limites e possibilidades abertos por esse acontecer livre. Trata-se de um deslocamento decisivo em relação à ideia de liberdade como autodeterminação ou iniciativa subjetiva: aqui, liberdade é a instância que articula o mundo em sua forma.

³ Raffoul (2020) retoma a noção heideggeriana de êxtase (*Ekstasis*) como elemento constitutivo da existência finita. Em sua leitura, o êxtase não é um fenômeno psicológico nem um deslocamento subjetivo, mas a própria estrutura da abertura do *Dasein* ao ser, uma “transcendência originária” na qual o acontecimento do ser se dá. Como escreve o autor: “*The ecstatic structure of existence indicates that the self is always already outside itself, beyond itself, in the openness of being, where it receives its own event*” (p. 66). Nesse sentido, a liberdade não se define como escolha, mas como receptividade ativa ao acontecimento — um êxtase que sustenta a relação entre ser e tempo, e que constitui a possibilidade de um mundo. Pensar o êxtase é, portanto, pensar o próprio modo como a existência humana está exposta ao jogo da verdade e ao destino do ser.

originarium sobre o qual o mundo se forma. Liberdade não é causa de nada: é o campo aberto onde algo pode se dar(cf. Heidegger, 1978; GA26, 252).Essa concepção destitui a liberdade de seu estatuto moderno e lhe restitui o seu caráter ontológico. Não se trata de escolher entre alternativas previamente dadas, mas de ser o lugar onde as possibilidades se projetam e se descobrem. A liberdade é o movimento mesmo do desvelamento: é o vir-à-aparição do ente no horizonte do mundo. Ela é, por isso, o primeiro nome da verdade, não como adequação, mas como *acontecência*. Assim, ao deslocar a liberdade da esfera da causalidade para o domínio do êxtase, Heidegger não apenas reforma a metafísica, mas inaugura uma nova maneira de pensar a existência humana. O *Dasein* é o ente que transcende porque abre um mundo. A liberdade é, nesse sentido, a inauguração do abismo da abertura. Pensar a liberdade é, portanto, pensar o acontecimento do ser como possibilidade finita de um mundo.

3 O acontecer da verdade: liberdade, mundo e desvelamento

A temática da verdade ocupa lugar central no pensamento de Heidegger e adquire contornos decisivos no contexto da *metafísica do Dasein*. Neste capítulo, adentramos a chave *aleteiológica* da liberdade, isto é, sua condição originária como desvelamento (*aletheia*), evento do aparecer do ente. Longe de conceber a verdade como adequação (*adaequatio*) entre juízo e realidade, Heidegger propõe, sobretudo nos anos de 1927 a 1930, uma reconceituação da verdade como abertura do ente na clareira do mundo. A liberdade, nesse horizonte, não apenas permite o vínculo, mas é o próprio acontecer da verdade — o que possibilita que o mundo aconteça como mundo. A proposição central é enunciada com clareza no ensaio *Vom Wesen der Wahrheit*: “A essência da verdade, enquanto correção do enunciado, é a liberdade” (Heidegger, 1976; GA 9, p. 186). A frase, densa e provocativa, exige que compreendamos a correção (*Richtigkeit*) como fundada em algo mais originário: a abertura do ente, sua disponibilidade na clareira do ser. Essa abertura não é neutra, mas resulta de um *deixar-ser* próprio da liberdade, que possibilita o vir-à-presença do ente em sua alteridade e resistência.

No curso *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz* (GA 26), Heidegger retoma essa questão e afirma: “A vincularidade e legalidade supõem em si mesmas, como fundamento de sua própria possibilização, a liberdade. Apenas o que existe como uma essência livre pode estar ligado a uma legalidade enquanto legalidade vinculante. Apenas a liberdade pode ser origem do vínculo” (cf. Heidegger, 1978; GA 26, p. 26). Essa liberdade fundante, longe de ser um princípio primeiro no sentido tradicional, é descrita como abismo (*Abgrund*) da transcendência, lugar sem chão que, paradoxalmente, sustenta o *Dasein* em sua capacidade de mundo.

Esse *Abgrund* não é o vazio, mas o campo aberto no qual o mundo pode irromper. O mundo, por sua vez, é entendido como a totalidade significativa onde os entes aparecem em sua relevância. Mundo não é um dado empírico, mas uma figura de sentido, uma configuração que resulta do encontro entre a pressão projetiva da transcendência e a resistência oferecida pelo ente. Nesse embate, o mundo se forma — e essa formação é o próprio acontecer da verdade. É nesse contexto que Heidegger afirma: “O *Dasein*, enquanto livre, é projeto de mundo. Esse projetar, porém, é projetado apenas de tal modo que o *Dasein* se mantém apoiado nele, e isso de tal modo que esse apoio ou sustentação vincula, isto é, ele coloca o *Dasein*, em todas as suas dimensões de transcendência, no interior de um possível espaço de jogo da escolha” (Heidegger, 1978; GA 26, pp. 247–248). O mundo é, portanto, espaço de jogo (*Spielraum*) onde o *Dasein* se movimenta, figura e refaz constantemente o horizonte do sentido.

Esse espaço de jogo, no entanto, não é arbitrário. Ele é constituído por uma dinâmica lúdica entre a pressão de *espalhamento* (*Streuung*) da transcendência e a resistência (*Widerstand*) prestada pelo ente. A transcendência quer se espalhar, formar mundo, abrir horizontes. Mas o ente, como aquilo que se opõe, resiste a essa pressão. O resultado dessa tensão é o mundo como contrapeso, como estrutura que reflete, delimita e simultaneamente sustenta a liberdade do *Dasein*. Heidegger afirma:

Nós precisamos [...] aprender a ver como o *Dasein*, por conta de sua constituição metafísica, por conta do seu ser-no-mundo, sempre se encontra, em conformidade com a possibilidade, situado fora, acima de todo ente. E nesse estar-fora-acima o *Dasein* não esbarra no nada absoluto. Ao contrário, precisamente nesse estar-fora-acima é que o *Dasein* põe diante de si a vincularidade enquanto mundo e somente nessa contenção é que ele pode e necessita manter-se e apoiar-se no ente (GA 26, p. 254).

A liberdade, assim, se revela como o movimento que funda o espaço de jogo onde o sentido pode emergir. É nesse jogo — que é ao mesmo tempo acontecimento, resistência e doação — que o ente aparece como ente. A transcendência do *Dasein* é, nesse sentido, lúdica: ela joga o jogo da abertura, da formação de mundo, da instauração da verdade. Trata-se, como veremos a seguir, de compreender o mundo como estrutura lúdica de desvelamento e a liberdade como o dinamismo originário desse processo. O *Dasein*, ao jogar o jogo do mundo, dá lugar ao ente: ele projeta, resiste, se deixa afetar, e com isso constitui o campo da verdade. A verdade, nesse registro, não é adequação entre representação e objeto, mas desocultamento do ente na abertura do mundo. Esse desocultamento é sempre situado, finito, histórico — e, sobretudo, é uma tarefa. É aquilo que o *Dasein* deve sempre realizar no interior de seu horizonte finito de possibilidades. Essa concepção tem profundas implicações. Primeiro, ela desloca a verdade do domínio lógico-epistemológico para o domínio ontológico-existencial. A verdade não é o resultado de uma atividade cognitiva, mas o acontecer de um modo de ser. Em segundo lugar, ela restabelece a liberdade como categoria originária da ontologia: liberdade não é mera possibilidade de

escolha, mas potência de abertura. E, finalmente, ela reinscreve o mundo como o campo em que a verdade se dá — não por determinação causal, mas por jogo, figuração, êxtase.

A liberdade é, então, a chave do desvelamento: é o que permite ao ente vir à presença, resistir, significar. É nesse entrelaçamento entre liberdade, mundo e verdade que se dá o acontecer da verdade. E é somente porque o *Dasein* é livre que ele pode estar no mundo, e é somente porque ele está no mundo que ele pode ser verdadeiro. Essa concepção, elaborada nos anos da *metafísica do Dasein*, antecipa muitos dos temas que Heidegger desenvolverá posteriormente no pensamento do *Ereignis*. Pois já aqui, entre 1927 e 1930, ela mostra sua força: a liberdade é o nome do êxtase que abre o mundo, o nome do jogo que constitui a verdade. E a verdade, nesse jogo, é sempre um acontecimento: ela acontece quando, e somente quando, o *Dasein* joga o jogo do mundo, permitindo ao ente aparecer como ele é.

4 Hermenêutica da liberdade: o jogo da vida e o destino do *Dasein*

Esta seção tem por objetivo consolidar a compreensão da liberdade em Heidegger a partir da metáfora fundamental do *jogo da vida* (*Spiel des Lebens*). O *Dasein*, enquanto ente que é *por-mor-de-si-mesmo* (*umwillen seiner selbst*), é sempre lançado em um campo de possibilidades que não escolhe originariamente, mas no qual precisa jogar e se configurar. Liberdade, aqui, não significa autodeterminação soberana, mas exposição a um campo dinâmico de sentido e resistência, um *espaço de jogo* onde se brinca e joga o acontecer da existência e do mundo. A imagem do jogo, que emerge com clareza nas preleções do período de 1927 a 1930, torna-se a chave para uma hermenêutica da liberdade como estrutura de destino⁴. O jogo da vida é a metáfora do campo onde o *Dasein* se joga e é jogado. Ele não é o autor do jogo, mas também não é apenas uma peça passiva. A liberdade se revela, nesse contexto, como a condição de possibilidade de uma participação lúdica na constituição do mundo⁵. Trata-se de um

⁴ Hans Ruin (2008) oferece uma interpretação filosófica densa da noção de destino (*Geschick*) como chave para compreender a liberdade heideggeriana a partir de sua articulação com a história. Em vez de conceber o destino como um determinismo histórico ou teleológico, Heidegger, segundo Ruin, pensa o destino como o campo de envio da verdade, no qual o *Dasein* se vê envolvido como intérprete e agente. A liberdade, nessa perspectiva, não é anterior à história, mas se realiza no interior da temporalidade histórica como apropriação responsável do legado e das possibilidades herdadas. Trata-se de uma liberdade finita, que se dá sempre em relação a uma tradição e a um mundo comum, sem jamais coincidir com pura espontaneidade. Ruin mostra que, em Heidegger, pensar a liberdade implica pensar o modo como o ser humano está historicamente lançado em destinações do ser que demandam interpretação e decisão, fazendo da existência um campo hermenêutico de jogo entre o dado e o possível.

⁵ Caputo (1986) explora a transição da noção de fundamento (*Grund*) para a de jogo (*Spiel*) como um dos movimentos mais radicais do pensamento de Heidegger. Ele mostra que a substituição do solo estável da metafísica por uma concepção dinâmica e lúdica do ser implica pensar a liberdade como jogo ontológico. Não se trata mais de compreender a liberdade como capacidade de decisão ou como atributo de uma subjetividade autônoma, mas como o próprio ‘acontecimento do ser’, isto é, como jogo de desvelamento e ocultamento. Caputo salienta que, no lugar da busca por um princípio último, Heidegger propõe a liberdade como a tensão mesma do jogar: um campo onde o sentido emerge a partir do entrelaçamento de múltiplas forças

jogo onde a pressão da transcendência (*espalhamento*) e a resistência do ente (*limitação*) se equilibram, abrindo o espaço onde o *Dasein* pode existir como aquele que comprehende e projeta sentido. Heidegger afirma:

O *Dasein*, enquanto livre, é projeto de mundo. Esse projetar, porém, é projetado apenas de tal modo que o *Dasein* se mantém apoiado nele, e isso de tal modo que esse apoio ou sustentação vincula, isto é, ele coloca o *Dasein*, em todas as suas dimensões de transcendência, no interior de um possível espaço de jogo da escolha (GA 26, pp. 247–248).

O *espaço de jogo* não é aqui um campo puramente subjetivo de decisões, mas um espaço ontológico de abertura, instituído pela liberdade e estruturado pela relação entre o *Dasein* e o ente como um todo. Mais ainda: o mundo, que se forma continuamente, é uma configuração sempre renovada desse jogo. Ele é o contrapeso que a liberdade encontra em sua própria mobilidade. Nesse sentido, a liberdade não é meramente expansiva; ela é também uma arte de sustentação, de escuta e de resistência. Heidegger formula essa ideia nos seguintes termos:

‘Mundo’ é título para a brincadeira-jogo que a transcendência brinca e joga. O ser-no-mundo é o brincar originário dessa brincadeira-jogo em que cada *Dasein* fáctico necessita adentrar ludicamente, a fim de poder se desdobrar nela ludicamente, de tal forma que, facticamente, ele participe dela, de uma forma ou de outra, na duração de sua existência. (Heidegger, 2001, GA 27, p. 312).

Esta passagem revela dois aspectos essenciais: (1) que o jogo é originário, ou seja, ele precede qualquer decisão do *Dasein*; e (2) que é apenas por meio da participação lúdica que o *Dasein* pode efetivamente se constituir como existência. Isso implica que o jogo da vida não é uma atividade suplementar ou metafórica, mas o próprio modo de ser da liberdade. A liberdade se concretiza como capacidade de jogar o jogo do mundo, de se apropriar da existência como projeto e destino. Essa hermenêutica da liberdade desvela, portanto, uma nova compreensão de destino. O destino não é um fatalismo, mas o campo da liberdade finita: um horizonte de possibilidades constituído por tradições, história, corporeidade e resistência. Jogar o jogo da vida é apropriar-se do destino como campo de formação de sentido. O *Dasein* é histórico porque é livre, e é livre porque pode receber, interpretar e transformar o que lhe é legado.

Essa concepção é especialmente clara quando Heidegger associa a transcendência ao conceito de *formação de mundo* (*Weltbildung*)⁶. Formar mundo é jogar o jogo da vida, é deixar-se atravessar pela

ontológicas. O *Dasein* é lançado nesse jogo, não como jogador soberano, mas como participante finito e interpretante do acontecer do ser. A liberdade, assim, é o nome do espaço de jogo em que o ser se dá, se retrai e se figura na existência humana.

⁶ Roberto Rubio (2004) investiga detalhadamente o conceito de formação de mundo (*Weltbildung*) em Heidegger, destacando o papel central da liberdade como estrutura formativa da experiência. Em sua leitura, o mundo não é uma totalidade objetiva pré-dada, mas o horizonte constantemente em formação, aberto pela liberdade do *Dasein* em sua relação com o ente. A formação

resistência do ente e, ao mesmo tempo, figurar sentidos novos a partir dessa resistência. O mundo é, nesse sentido, sempre figura e configuração: ele é constituído pela liberdade enquanto dinamismo de acolhimento e projecção. A liberdade é, portanto, exposição ao ente, mas também ao próprio jogo que o constitui. Ser livre é ser jogado, mas também jogar responsivamente. É nesse sentido que a liberdade se torna estrutura de destino: ela é o campo no qual o *Dasein* se encontra com o mundo e com sua própria história, podendo nela agir, sofrer e transformar.

A liberdade, assim compreendida, exige uma hermenêutica: ela não pode ser apenas descrita conceitualmente, mas precisa ser interpretada a partir das formas concretas de existência. Essa hermenêutica da liberdade é o caminho para compreender o *Dasein* em sua inteireza: como ente projetado, jogado e formador de mundo. Liberdade não é o que nos livra do destino, mas o que nos permite habitar o destino de modo responsável, criativo e histórico. O jogo da vida é, portanto, a imagem mais próxima da condição humana segundo a metafísica do *Dasein*. Jogar é existir. Existir é sempre, em alguma medida, interpretar o campo de jogo, agir nele, deixar-se afetar por ele e, sobretudo, ser capaz de descobrir sentidos novos no que nos é dado como resistência e desafio. A liberdade é o nome desse movimento. É a condição do jogo, o seu solo e também a sua tensão. Assim, a liberdade não é apenas um conceito entre outros no pensamento de Heidegger: ela é o nome do acontecimento originário da transcendência, o campo onde o *Dasein* joga sua existência, abre um mundo e se constitui como ser histórico. Pensar a liberdade é, portanto, pensar o próprio destino do humano como jogo, como abertura e como desafio a ser interpretado responsável no espaço do mundo.

5 Liberdade e abismo: a tensão entre fundamento e abismo na *metafísica do Dasein*

O percurso até aqui demonstrou que, para Heidegger, a liberdade é o nome do acontecer originário da transcendência, o campo em que o *Dasein* joga sua existência e abre um mundo. No entanto, esse campo não repousa sobre um princípio primeiro. A liberdade é também abismo — *Abgrund* —, aquilo que funda sem se fundar, que sustenta sem se apoiar. Esta seção busca desenvolver a tensão entre fundamento e abismo que atravessa a ontologia heideggeriana da liberdade, revelando-a como instância que desafia a lógica tradicional. Em *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz*,

de mundo é compreendida como o movimento hermenêutico da liberdade, que, ao se abrir ao ser, configura o sentido. Rubio enfatiza que a liberdade heideggeriana não é um ato de vontade, mas a própria dinâmica de constituição do campo de presença, marcada pela tensão entre projeto e resistência. Assim, pensar a liberdade como formação de mundo é compreender sua função ontológica fundamental: ela não apenas permite a abertura do mundo, mas é o próprio processo pelo qual o mundo se faz mundo para o *Dasein*.

Heidegger afirma de modo decisivo: “A liberdade é o abismo da transcendência” (Heidegger, 1978; GA 26, p. 273). Essa frase condensa um deslocamento radical: a liberdade não é um princípio explicativo, não é um ponto de partida dedutível, mas um abismo originário, um *Ur-sprung* — não no sentido de começo cronológico, mas de salto ou brotamento originário. Esse salto ou brotamento não se dá a partir de algo anterior: ele é o próprio acontecer do vir-a-ser do mundo.

O abismo, no pensamento heideggeriano, não é o nada no sentido de vazio absoluto. É antes o campo de indistinção onde o ente ainda não se separou da totalidade do ser. É o lugar da abertura originária, onde o *Dasein* se encontra exposto ao jogo do mundo sem amparo definitivo. O abismo é o nome do infundado que sustenta toda possibilidade de fundamentação⁷. A liberdade, compreendida como abismo, é assim anterior à causalidade, anterior à lógica da determinação: é o campo pré-teórico, pré-objetivo, onde o mundo se configura e o *Dasein* pode projetar-se. Heidegger explicita essa dinâmica com precisão: “Toda legalidade [...] supõe em si mesma, como fundamento de sua própria possibilidade, a liberdade. Apenas o que existe como uma essência livre pode estar ligado a uma legalidade enquanto legalidade vinculante” (Heidegger, 1978; GA 26, p. 26). Essa liberdade, enquanto possibilitadora de vinculação, não é ela mesma vinculada — ela é o fora-da-ordem que torna possível a ordem, o excesso originário que antecede a forma. E como tal, ela não pode ser subsumida à categoria de *causa sui* sem violentar sua estrutura própria.

O pensamento heideggeriano caminha aqui para um ponto de ruptura com a metafísica clássica. Em vez de buscar uma *arché*, Heidegger pensa a origem como *abismo* (*Abgrund*), como o *não-fundamento* que, ainda assim, sustenta o mundo. O *Ab-grund* é, literalmente, aquilo que está “fora do solo” — não porque flutua arbitrariamente, mas porque ele mesmo é o solo originário, o solo que não se deixa fundar por nada mais. Nesse sentido, a liberdade como *Abgrund* é o nome da origem do mundo como mundo, da verdade como desvelamento, do *Dasein* como transcendência projetante⁸.

⁷ Dahlstrom (2011) oferece uma leitura refinada da articulação entre ser, liberdade e fundamento em Heidegger, mostrando que, em sua virada ontológica, Heidegger rompe com toda tentativa de radicar o ser em um princípio ou causa. A liberdade, nesse contexto, não é fundada por nada, mas é aquilo que possibilita que o próprio ser venha à presença. Dahlstrom mostra que a liberdade heideggeriana é inseparável da ideia de ‘fundamento infundado’ (*ungründiger Grund*), pois ela instaura o campo de jogo onde ser e ente se desdobram em sua diferença. É nesse sentido que ela pode ser compreendida como abismo (*Abgrund*): não como ausência de sentido, mas como abertura originária e irredutível, na qual o *Dasein* é lançado. Assim, a liberdade não é apenas um conceito existencial, mas assume a função de articulação metafísica fundamental entre o ser humano e o ser, como aquilo que sustenta o próprio jogo ontológico do mundo.

⁸ Cassinari (2001) oferece uma análise refinada da conexão entre mundo, existência e verdade em Heidegger, destacando o papel estruturante da liberdade no acontecer do mundo. Segundo o autor, a constituição do mundo como mundo não é efeito de uma atividade representacional ou subjetiva, mas depende do desvelamento originário que só ocorre em virtude da liberdade do *Dasein*. A liberdade é o espaço no qual o ente pode se mostrar como tal, e o mundo pode emergir como um todo significativo. Cassinari ressalta que esse acontecimento é marcado por uma tensão essencial entre a abertura da verdade e a resistência do ocultamento: o mundo se mostra sempre em jogo, nunca como presença plena, mas como campo de disputas de

Essa concepção já se anuncia em *Vom Wesen der Wahrheit* (GA 9), onde Heidegger escreve: “A essência da verdade, enquanto correção do enunciado, é a liberdade” (Heidegger, 1976; GA 9, p. 186). Mas ele logo acrescenta que essa liberdade consiste num “deixar-ser o ente como tal” (*das Seinlassen des Seienden als eines solchen*), um deixar-ser que é, ao mesmo tempo, abertura e resistência (Heidegger, 1976; GA 9, p. 186). O *deixar-ser* é o modo como a liberdade acolhe o ente em sua alteridade, sem reduzi-lo a objeto da vontade. Isso exige do *Dasein* uma disposição especial: a *resolução* (*Entschlossenheit*), que é menos uma decisão deliberativa do que uma exposição originária ao ser. No inverno de 1929/30, no curso *Grundbegriffe der Metaphysik*, Heidegger aprofunda essa estrutura de exposição: “O *Dasein* é aquele ente que, por essência, está exposto. Ele é exposto à totalidade do ente, não como objeto de observação, mas como mundo. Ele é o lugar da abertura” (Heidegger, 2004; GA 29/30, p. 179). A liberdade, enquanto *Abgrund*, é precisamente esse campo de abertura sem garantia, onde o *Dasein* é lançado e onde o mundo pode irromper como mundo.

Essa tematização abissal da liberdade não conduz ao niilismo, mas a uma ontologia do possível. O *Abgrund* é o campo onde tudo pode vir-a-ser — mas sem que esse vir-a-ser se deixe reduzir a cálculo ou previsibilidade. É o espaço da doação originária, da irreduzibilidade do ser à presença plena. Por isso, o abismo é também o lugar da finitude: só porque a liberdade é abismo é que ela é finita, histórica, situada. E só porque é finita é que pode ser interpretada, habitada, transfigurada.

É nesse ponto que a liberdade abissal se aproxima da *Gelassenheit*, a serenidade ou desprendimento, que marcará o pensamento tardio de Heidegger (cf. Heidegger, 1959). A *Gelassenheit* é a disposição de quem se deixa conduzir pelo acontecimento do ser sem querer dominá-lo. Trata-se de uma escuta, uma disponibilidade, um acolhimento que só é possível porque a liberdade já é, em si, exposição. Embora o termo *Gelassenheit* não apareça nos cursos de 1927 a 1930, seu germe já está presente na ideia de *liberdade como deixar-ser e como campo infundado de doação*.

A tensão entre fundamento e abismo se mostra, assim, como o próprio núcleo da *metafísica do Dasein*. O *Dasein* é livre porque está lançado no abismo da transcendência. E ele pode abrir mundo porque essa liberdade é, ao mesmo tempo, sustentação e não-fundamento. É isso que Heidegger indica ao afirmar: “O *Dasein* se constitui como transcendência. [...] Transcendência é o nome para o jogo originário entre o lançar-projetivamente (*Entwurf*) e o ser-lançado (*Geworfenheit*)” (Heidegger, 1978, GA 26, p.

sentido. Nesse sentido, a liberdade é o que articula a existência com a verdade do ser, entendida como desvelamento (*aletheia*) que jamais se separa do velamento. O *Dasein* participa desse jogo como aquele que comprehende e sustenta o acontecer do mundo em sua finitude.

274). Nesse jogo, a liberdade é o próprio campo de tensão entre projeto e finitude, entre abertura e limite, entre clareira e sombra.

O que se revela, por fim, é que a liberdade, enquanto *Abgrund*, não pode ser pensada a partir das categorias da metafísica da substância ou da vontade. Ela exige uma outra ontologia própria — uma ontologia do evento, da doação, da clareira. Nesse sentido, a liberdade é também o lugar de uma conversão do pensamento: ela exige um pensamento que se deixe afetar pelo abismo, que pense não a partir de um ponto fixo, mas a partir do movimento de doação que é sempre anterior a toda posse. Um pensamento do dom, da escuta, da receptividade — um pensamento que comprehende que o fundamento mais originário é, paradoxalmente, o infundado.

Com isso, a liberdade, longe de ser mero atributo do sujeito, aparece como estrutura originária do ser-no-mundo. Ela é o êxtase que abre o mundo, o jogo que figura o sentido, o abismo que funda sem fundar. E é nesse sentido que Heidegger, já nesse período, prepara o caminho para o pensamento do *Ereignis*: o *evento originário* em que ser e tempo, mundo e verdade, liberdade e destino, se doam mutuamente no campo da abertura finita do *Dasein*. Assim compreendida, a liberdade é o nome do abismo que somos — e o chamado a escutar esse abismo como lugar onde o mundo começa.

Conclusão

O percurso desenvolvido mostrou que a liberdade, em Heidegger, não pode ser reduzida a uma faculdade psicológica ou a um ato de vontade. Ela se revelou como a própria condição de possibilidade do existir humano: espaço originário em que o *Dasein* se projeta e em que o mundo se abre como horizonte de sentido. Nesse solo, ser e verdade não aparecem como substâncias estáveis, mas como processos em acontecimento.

Nessa perspectiva, a liberdade é êxtase e jogo: ultrapassa a lógica da causalidade e inscreve a existência no ritmo da abertura e da criação. O pensamento heideggeriano desloca-se, assim, de qualquer pretensão fundacional para uma compreensão hermenêutica do ser, na qual o destino humano se configura como campo de possibilidades históricas e interpretativas. A liberdade é o espaço em que o ser se doa, exigindo do *Dasein* não domínio, mas resposta.

Por fim, ao assumir seu caráter abissal, a liberdade se mostra como o nome mais próprio da pertença ao ser. Habitar a existência é aceitar o risco e a precariedade dessa abertura, reconhecendo que o sentido não se garante por fundamentos últimos, mas se renova no jogo entre o desvelar e o velar. Pensar a liberdade é, nesse horizonte, pensar a doação: deixar-ser, acolher e responder. É nesse movimento que se joga, em cada instante, o vigor da existência e a possibilidade de uma escuta mais alta do ser.

Referências

- CAPUTO, J. D. Being, Ground and Play in Heidegger. *Journal of the American Academy of Religion*, Oxford, v. 54, n. 3, p. 487–511, 1986.
- CASSINARI, F. *Mondo, esistenza, verità. Ontologia fondamentale e cosmologia fenomenologica nella riflessione di Martin Heidegger (1927-1930)*. Napoli: La Città del SoleEdizioni, 2001.
- DAHLSTROM, D. Being and Being Grounded. In: WIPPEL, John (Org.). *The Ultimate Why Question: Why Is There Anything at All Rather Than Nothing Whatsoever?* Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2011.
- HEIDEGGER, M. (GA 26). *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz* (Sommersemester 1928). Hrsg. von Klaus Held. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1978.
- _____. (GA 27). *Einleitung in die Philosophie* (Wintersemester 1928/29). Hrsg. von Otto Saame und Ina Saame-Speidel. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2., durchgesehene Auflage 2001.
- _____. (GA 29/30). *Die Grundbegriffe der Metaphysik. Welt - Endlichkeit - Einsamkeit* (Wintersemester 1929/30). Hrsg. von Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 3. Auflage 2004.
- _____. (GA 9). *Wegmarken*. Vittorio Klostermann: Frankfurt am Main, 1976.
- _____. *Gelassenheit*. Pfullingen: Günther Neske Verlag, 1959.
- JARAN, F. *La métaphysique du Dasein. Heidegger et la possibilité de la métaphysique (1927/1930)*. Bucarest: Zeta Books, 2010.
- _____. Toward a Metaphysical Freedom. Heidegger's Project of a Metaphysics of *Dasein*. *International Journal of Philosophical Studies*, vol. 18, n. 2, p. 205-227, 2010b.
- KRELL, D. F. *Ecstasy, Catastrophe: Heidegger from Being and Time to the Black Notebooks*. Albany: State University of New York Press, 2015.
- RAFFOUL, F. *Thinking the Event*. Bloomington: Indiana University Press, 2020.
- RUBIO, R. Formación de mundo en Heidegger. *Logos: Revista de Filosofía*, Santiago de Chile, n. 1, p. 61–73, 2004.
- RUIN, H. The destiny of freedom: in Heidegger. *Continental Philosophy Review*, v. 41, p. 277–299, 2008.
- SCHMIDT, S. Das Geschehen der Freiheit. Heideggers ontologischer Freiheitsbegriff. In: D'ANGELO, Diego; GOURDAIN, Sylvaine et al. (Org.). *Frei sein, frei handeln. Freiheit zwischen theoretischer und praktischer Philosophie*. Freiburg/München: Verlag Karl Alber, 2013.
- VIGO, A. *Arqueología y aleteiología. Y otros estudios heideggerianos*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.

Recebido em: 06/07/2025

Aceito em: 02/12/2025